



|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS                            |
| <b>Ano</b>        | 2017   |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale - UFRGS   |
| <b>Título</b>     | GÊNERO, SEXUALIDADE E NOSSOS CORPOS: A EDUCAÇÃO SEXUAL DE FORMA HORIZONTAL |
| <b>Autores</b>    | CAROL CORSO VON EYE<br>CAROLINE MODENA DE MEDEIROS                         |
| <b>Orientador</b> | MARÍNDIA DEPRÁ   |

**RESUMO:** Na atualidade, supomos que a informação está disponível para todas e todos na internet e em livros, mas quando o assunto é sexo e gênero, é um terreno capcioso, pois sem uma boa base educativa se torna extremamente difícil separar a realidade dos mitos. O Brasil hoje é caracterizado como o país onde mais ocorrem assassinatos de transexuais e travestis e em contrapartida as palavras “travesti/transsexual” são algumas das mais pesquisadas em sites pornográficos pelos brasileiros. Além disso, o número de pessoas diagnosticadas com as cinco doenças sexualmente transmissíveis mais comuns vem aumentando (5 milhões e meio/ano), mesmo havendo a distribuição de preservativos gratuitos como política pública. Outro fator tangente a esse assunto é a gritante desigualdade de gênero cotidiana, evidenciada pela alta taxa de feminicídio, desigualdade salarial, assédio e também recentemente corroborada por uma pesquisa que comprova que nosso país é o pior local para ser menina na América do Sul. Percebemos a urgência de um ciclo de exposições e trocas que trabalhasse sobre a fisiologia sexual humana, sexualidade, gênero e tudo que perpassa por esses assuntos. Tratamos de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la), que embasando nossa metodologia no método de alfabetização de Paulo Freire, e nos esforçamos para trabalhar de forma horizontal para que os estudantes ficassem à vontade para discutirmos suas realidades. Este trabalho foi desenvolvido na instituição de ensino Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre - Rio Grande do Sul, e acreditamos que essa atividade se entrelaça com o conteúdo programático de biologia do terceiro ano do ensino médio, de reprodução, embriologia e corpo humano. Estruturamos este ciclo de discussões com cinco inserções e as mais variadas dinâmicas de aula, com uma proposta de continuidade, onde um assunto fosse puxando o outro de forma natural e orgânica. Na primeira aula, discutimos a reprodução e seu papel na perpetuação das espécies, além de mitose e meiose para tornar possível trabalharmos com gametogênese de um ponto de vista evolutivo. Iniciamos nosso segundo encontro com imagens projetadas do aparelho sexual de fêmeas e machos da nossa espécie para que os estudantes completassem com as nomenclaturas que lhes eram familiares. Seguimos com a abordagem de hormônios e menstruação, posteriormente discutindo os métodos contraceptivos existentes e trazendo alguns para a sala de aula. No encontro seguinte iniciamos uma discussão sobre papéis de gênero na nossa sociedade com dinâmicas sugeridas pelo Caderno de Escolas sem Homofobia do MEC, e fizemos uma roda para debater problemáticas de interesses pertinentes à realidade dos alunos. Desenvolvemos essa atividade a partir de cartões de identidade, que consistiam em sujeitos com pensamentos para debatermos. Outro material que foi utilizado eram imagens e falas impressas relacionadas com os cartões de identidade, que iam passando pela roda e sensibilizando os estudantes de forma íntima. O debate foi tão enriquecedor que se estendeu ao nosso quarto encontro, onde nos aprofundamos em questões mais delicadas e complexas, como a transgeneridade, drag queens/kings e travestis. Durante os quatro primeiros encontros, havia uma caixa de perguntas anônimas, para que os estudantes mais tímidos tivessem suas dúvidas sanadas, sem a necessidade de se exporem. Essas perguntas foram respondidas na quarta vez que nos reunimos depois do debate ser finalizado. No quinto e último encontro propusemos um debate sobre a descriminalização do aborto separando a turma em duas bancadas – uma contrária e outra a favor - sorteando a divisão para que mesmo que o posicionamento do estudante fosse contrário ao que lhes foi designado, tentassem se colocar no lugar do outro, realizando um exercício de cidadania e empatia. Depois da metade da aula as bancadas se inverteram. Como disparadores, utilizamos frases de pessoas a favor e contra a legalização do aborto. O debate foi bem intenso, e com múltiplos recortes das mais diferentes realidades. Os estudantes se comprometeram a defender um ponto de vista que não era necessariamente o seu, e foi possível a construção de um diálogo e de uma discussão filosófica muito rica, porém foi perceptível a diferença de foco do debate e prioridades entre as duas turmas em que a oficina foi aplicada. Como atividade final, propusemos duas opções de redação no formato ENEM: uma sobre questões de gênero, e outro sobre a legalização do aborto. Durante a análise das redações, foi possível perceber que utilizaram como argumentos muitas coisas que tinham sido trazidas nos debates, por si próprios e outros colegas. No início deste ciclo de debates os alunos e alunas estavam um pouco distantes e sem interesse, mas quando fomos nos aprofundando e realizando interações diferenciadas eles e elas trouxeram suas vivências cotidianas, suas realidades e dúvidas, enriquecendo substancialmente os encontros.